



LETARGIA, CATALEPSIA, MORTES APARENTES

Os termos letargia e catalepsia têm sido empregados, conforme os autores, para designar estados diversos, espontâneos ou provocados pelo magnetismo e hipnotismo, mas todos têm a característica comum de apresentar mais ou menos alteradas e diminuídas a motilidade voluntária e a sensibilidade nervosa, podendo ir até a uma aparente suspensão de todas as funções vitais.

A letargia é a apresentação mais profunda desse estado. O letárgico nada ouve, nada sente, não vê o mundo exterior, a própria consciência se lhe apaga; fica num estado que se assemelha à morte. Poder-se-ia chamar a letargia de catalepsia completa, como se encontra em alguns livros espíritas.

A catalepsia é a suspensão parcial ou total da sensibilidade e dos movimentos voluntários, conforme a intensidade maior ou menor do estado cataléptico. É um estado patológico que constitui uma síndrome, isto é, que pode manifestar-se em diversas enfermidades. Pode ocorrer tanto na histeria como na epilepsia e em algumas formas de esquizofrenia, sempre de modo intermitente, por acessos. Caracteriza-o, como já dissemos, a perda mais ou menos completa da sensibilidade externa e dos movimentos voluntários, acompanhada de extrema rigidez dos músculos, acarretando a conservação passiva das atitudes dadas aos membros, ao tronco, à face (é a chamada rigidez cérea ou de cera) e a impossibilidade completa de movimentação espontânea.

“(…) A catalepsia — diz Michaelus, em sua obra Magnetismo Espiritual — se caracteriza pela imobilidade dos músculos e pela fixidez das atitudes em que o paciente é colocado pelo experimentador. Assim, se lhe for erguido um braço, nesta posição ficará indefinidamente. Nesse estado, os olhos permanecem grandemente abertos, fixos, com o semblante imobilizado, apresentando o paciente uma fisionomia impassível, sem emoção e sem fadiga. (...)” (06)

A catalepsia pode ocorrer naturalmente, sem uma causa aparente, ou pode ser provocada.

Neste último estado, embora o paciente não possa ter atividade alguma voluntária, age, no entanto, sob a sugestão do operador. “(...) O cataléptico é verdadeiramente um autômato nas mãos do magnetizador, perdendo toda a liberdade de ação e de movimentos. Não anda, não fala, não ouve, não pensa, senão por determinação do experimentador, que poderá fazê-lo rir, chorar, cantar, gritar, sentir calor ou frio etc. (...)” (06)

Diferente é o que se passa com o letárgico. O paciente jaz imóvel, os membros pendentes, moles e flácidos, sem rigidez alguma e, se erguidos, quando novamente soltos recaem pesadamente; sua respiração e o pulso são praticamente imperceptíveis, as pupilas mais ou menos dilatadas, não reagem mais à luz; o sensorio está totalmente adormecido e a inércia da mente parece absoluta. Há, entretanto, uma modalidade de letargia que a atividade

psíquica interna se desenvolve como de ordinário, como bem descreve José Lapponi, em sua obra Hipnotismo e Espiritismo: “(...) o paciente tudo percebe e compreende, mas se encontra na impossibilidade absoluta de significar aos outros o que sente no seu ímo. Por motivo da atividade psíquica, conservada durante as condições indicadas, a esta variedade de letargo se dá o nome de letargia lúcida. (...)” (07)

É exatamente dentro da letargia, em qualquer de suas modalidades, comum ou lúcida, que se incluem os casos de mortes aparentes, que a história registra e de que também a Bíblia nos fala, quer no Antigo, quer no Novo Testamento.

Entre os casos que constituem exemplos clássicos de letargia lúcida cita-se o do Cardeal Donnet, que quase foi enterrado vivo, em virtude do estado letárgico que nele se manifestou espontaneamente e por ele levado ao conhecimento do Senado francês, em fevereiro de 1866, enquanto ali se discutia a lei sobre sepultamentos, conforme relata ainda José Lapponi, na obra antes citada: “(...) Em 1826 (...) um jovem padre, quando pregava no púlpito de uma igreja, cheia de devotos, foi imprevisivelmente acometido de síncope. Um médico o declarou morto e deu licença para as honras fúnebres no dia imediato. O bispo da Catedral, onde se verificara o caso, já tinha recitado as últimas orações ao pé do morto, já haviam sido tomadas as medidas do ataúde e se aproximava a noite, no começo da qual se devia consumir o enterramento. São fáceis de imaginar as angústias do jovem padre que, estando vivo, recebia nos ouvidos os rumores de todos esses preparativos. Afinal, ouviu a voz comovida de um seu amigo de infância, e essa voz, provocando nele uma crise sobre-humana, produziu maravilhoso resultado. No dia seguinte, o jovem padre voltava ao seu púlpito. (08)

Vejamos agora o que disseram os Espíritos, respondendo às perguntas formuladas por Allan Kardec sobre esse interessante assunto:

“Os letárgicos e os catalépticos, em geral, vêem e ouvem o que em derredor se diz e faz, sem que possam exprimir o que estão vendo ou ouvindo. É pelos olhos e pelos que têm essas percepções?

“Não; pelo Espírito. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se.”

a) — Por quê?

“Porque a isso se opõe o estado do corpo. E esse estado especial dos órgãos vos prova que no homem há alguma coisa mais do que o corpo, pois que, então, o corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito se mostra ativo.” (02)

Na letargia pode o Espírito separar-se inteiramente do corpo, de modo a imprimir-lhe todas as aparências da morte e voltar a habitá-lo?

“Na letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém, não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo, por efeito da morte real e pela desagregação dos órgãos, os laços que prendem um ao outro, integral se torna a separação e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Desde que um homem, aparentemente morto, volve à vida, é que não era completa a morte.” (03)

“Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido?”

“Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso. O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.” (...) (01)

Ao reproduzir essas três perguntas e respectivas respostas de O Livro dos Espíritos, somos naturalmente levados a pensar em três momentos tocantes da missão de Jesus, narrados por Lucas, Marcos, Mateus e João.

O primeiro, (Lucas, 7:11 - 17), trata-se da passagem evangélica denominada: O filho da viúva de Naim.

Quando Jesus chegou na cidade chamada Naim presenciou o enterro do filho único de uma viúva. O Senhor enchendo-se de compaixão ordenou ao morto que retornasse á vida, dizendo: “(...) Mancebo, a ti te digo: Levanta-te (...)” (09). E o que estava morto acordou, sentou-se e começou a falar.

Esse fato, tido como um milagre, em que um morto teria sido ressuscitado para a vida, é hoje explicado pelo Espiritismo, com base nos fenômenos de emancipação da alma e na poderosa ação do magnetismo. Nos estados de sono e de enfraquecimento orgânico, mas também nos de letargia e de catalepsia, o Espírito se desprende do corpo e adquire momentânea e restrita liberdade, mas permanece ligado ao corpo, de que apenas se afastou, pelo sutil cordão fluídico do perispírito, através do qual pode ele ser advertido da necessidade de sua presença e reconduzido ao corpo material. Essa advertência e essa volta são altamente favorecidas pela ação magnética exercida por uma poderosa vontade. O estado real em que se encontrava o mancebo, no caso do filho da viúva de Naim, era o de catalepsia completa ou letargia, único estado sincopal que pode apresentar por longo tempo as aparências da morte, de modo a poder confundir-se com esta, quando real. Se estivesse realmente morto, como pensavam, não teria sido possível fazê-lo voltar à vida, porque com a morte real, rompe-se aquele laço fluídico e o Espírito só poderá ligar-se a um novo corpo em formação, pela reencarnação. Nem mesmo Jesus o poderia, com todo o seu imenso poder magnético e a sua incisiva ordem: “Mancebo, a ti te digo: Levanta-te”. Mas Jesus, aparentemente, o ressuscitou porque, se todos o julgavam morto, para ele, que via além do corpo, o mancebo apenas dormia.

O segundo caso se encontra relatado em Mateus, 9:18-26, Marcos, 5:21-43 e Lucas, 8:41 -56. É a passagem sobre a Filha de Jairo.

Conta-nos o Evangelho que Jairo, um dos principais da sinagoga, suplicou a Jesus impor as mãos sobre a filha moribunda para curá-la. Neste ínterim, porém, a filha de Jairo morreu, tornando vã a sua súplica. Jesus, ouvindo esta informação, não se perturbou, pediu ao pai aflito que tivesse fé e, dirigindo-se para a casa onde estava a morta, ordenou-lhe: “(...) Menina, a ti te digo, levanta-te. E logo a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos; e assombraram-se com grande espanto” (...) (10)

Jesus, neste caso não só produziu o fato tido, então, como milagroso, pois todos também estavam convencidos de que a menina havia morrido, como declarou peremptoriamente que ela não estava morta, apenas dormia. Deixou, portanto, o seu próprio testemunho de que não produzia milagres, contrariando as leis de Deus, mas usava o seu poder de vontade para fazer retornar ao corpo, enfraquecido pela enfermidade grave, o Espírito que, de outro modo, pela própria gravidade do mal, poderia ser levado á libertação definitiva, ao mesmo tempo que, atuando magneticamente sobre o corpo, curou-a da mesma enfermidade.

O terceiro caso, é a passagem que nos fala da Ressurreição de Lázaro, relatado por João, capítulo 11, versículos 1-46.

Lázaro morava em Betânia com duas irmãs, Marta e Maria. Morrera e já estava sepultado há quatro dias numa gruta tapada com uma pedra, quando Jesus, ordenando que se retirasse a pedra da gruta. “(...) clamou em grande voz: Lázaro, sai para fora. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o, e deixai-o ir. (...)” (11)

Dos três casos citados, o de Lázaro é aquele que melhor se enquadra como catalepsia completa ou letargia. Em todos eles a morte era apenas aparente, mesmo sendo considerada real pelos homens. Através da autoridade moral e do prodigioso poder magnético de Jesus aqueles Espíritos retornaram ao corpo físico de onde tinham-se afastado temporariamente.

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Letargia, catalepsia, mortes aparentes. In:_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. Comentário à questão 424, págs. 230-231.
- 02 - Questão 422, pág. 230.
- 03 - Questão 423, pág. 230.
- 04 - XAVIER, Francisco Cândido. Fenômeno hipnótico indiscriminado. In:_. Mecanismos da Mediunidade. Pelo Espírito André Luiz. 13. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. Pág. 99.
- 05 - MICHAELUS. In:_. Magnetismo Espiritual. 5. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1989. Cap. XXI, Pág. 198.
- 06 - Pág. 199.
- 07 - LAPPONI, José. Os fatos próprios do Hipnotismo. In:_. Hipnotismo e Espiritismo. Trad. de Almerindo Martins de Castro. 2. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1979. Pág. 67.
- 08 - Págs. 67 e 68.
- 09 - NOVO TESTAMENTO. In:_. A Bíblia Sagrada. 41. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira: 1980. Pág. 76. Lucas, 7:14.
- 10 - Pág. 47. Marcos, 5:41 e 42.
- 11 - Pág.122.João,11:42-43.
- 12 - PEREIRA, Yvonne A. Faculdades em estudo. In:_. Recordações da Mediunidade. Pelo Espírito Adolfo Bezerra de Menezes. 7. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1992. Págs. 11-22.

FACULDADES EM ESTUDO

P — “Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida a um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido?”

R — “Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso, O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.”

(O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, 454.)

“Além desse interessante tópico do livro áureo da filosofia espírita, pedimos vênias aos prováveis leitores destas páginas para também transcrever o comentário de Allan Kardec, situado logo após a questão acima citada, uma vez que temos por norma, aconselhada pelos instrutores espirituais, basear o relatório das nossas experiências espíritas em geral no ensinamento das entidades que revelaram a Doutrina Espírita a Allan Kardec. Diz o citado comentário:

“A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa biológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra, em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética.” (1)

Por sua vez, respondendo a uma pergunta que lhe fizemos acerca de determinados fenômenos espíritas, o venerável Espírito Adolfo Bezerra de Menezes disse-nos o seguinte, pequena lição que colocamos à disposição do leitor para observação e meditação:

— Podereis dizer-nos algo sobre a catalepsia e a letargia? — perguntamos — pois o que conhecemos a respeito é pouco satisfatório.

E a benemérita entidade respondeu:

“Quem for atento ao edificante estudo das Escrituras Cristãs encontrará em o Novo Testamento de N.S. Jesus Cristo, exatamente nos capítulos IX, de São Mateus; V, de São Marcos; VIII, de São Luca;, e XI, de São João, versão do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, a excelente descrição dos fenômenos de catalepsia (talvez os fenômenos sejam, de preferência, de letargia, segundo as análises dos compêndios espíritas acima citados) ocorridos no círculo messiânico e registrados pelos quatro cronistas do Evangelho, lembrando ainda o caso, igualmente empolgante, do filho da viúva de Naim, caso que nada mais seria do que a mesma letargia, ou catalepsia.

“A ciência moderna oficial, a Medicina, conhece a catalepsia e a letargia, classifica-as, mas não se interessa por elas, talvez percebendo não ser da sua alçada o fato de curá-las. A ciência psíquica, no entanto, assim também a Doutrina Espírita, não só as conhecem como se interessam grandemente por elas, pois que as estudam, tirando delas grandes ensinamentos e

revelações em torno da alma humana, e por isso podem curá-las e até evitá-las, ao mesmo tempo que também poderão provocá-las, contorná-las, dirigi-las, orientá-las e delas extrair conhecimentos esplendentes para a instrução científico-transcendente a benefício da Humanidade. Se os adeptos encarnados dessa grande revelação celeste — a Doutrina Espírita — não curam, no presente momento, as crises catalépticas do próximo, as quais até mesmo uma obsessão poderá provocar, será porque elas são raras ou, pelo menos, ignoradas, ou porque, lamentavelmente, se descaram da instrução doutrinária necessária à habilitação para o importante certame.

A catalepsia, tal como a letargia, não é uma enfermidade física, mas uma faculdade que, como qualquer outra faculdade medianímica insipiente ou incompreendida, ou ainda descurada e mal orientada, se torna prejudicial ao seu possuidor. Como as demais faculdades suas companheiras, a catalepsia e a letargia também poderão ser exploradas pela mistificação e pela obsessão de inimigos e perseguidores invisíveis, degenerando então em um estado mórbido do chamado perispírito, tendência viciosa das vibrações perispirituais para o aniquilamento, as quais se recolhem e fecham em si mesmas como a planta sensitiva ao ser tocada, negando-se às expansões necessárias ao bom funcionamento do consórcio físico-psíquico, o que arrasta uma como neutralidade do fluído vital. dando em resultado o estado de anestesia geral ou parcial, a perda da sensibilidade, quando todos os sintomas da morte e até mesmo o início da decomposição física se apresentam, e somente a consciência estará vigilante, visto que esta, fagulha da Mente Divina animando a criatura, jamais se deterá num aniquilamento, mesmo temporário.

“Tanto a catalepsia como a letargia, pois elas são faculdades gêmeas, se espontâneas (elas poderão também ser provocadas e dirigidas, uma vez que a personalidade humana é rica de poderes espirituais, sendo, como foi, criada à imagem e semelhança de Deus), se serão, portanto, um como vício que impõe o acontecimento, como os casos de animismo nas demais faculdades mediúnicas, vício que, mais melindroso que os outros lembrados, se a tempo não for corrigido, poderá acarretar conseqüências imprevisíveis, tais como a morte total da organização física, a loucura, dado que as células cerebrais, se atingidas freqüentemente e por demasiado tempo, poderão levar à obsessão, ao suicídio, ao homicídio e a graves enfermidades nervosas: esgotamento, depressão, alucinações etc. Mas, uma vez contornadas por tratamento psíquico adequado, transformar-se-ão em faculdades anímicas importantes, capazes de altas realizações supranormais, consoante a prática o tem demonstrado, fornecendo aos estudiosos e observadores dos fatos mediúnicos vasto campo de elucidação científica-transcendental.

“Entretanto, se os adeptos da grande doutrina da imortalidade — os espíritas — não sabem, conscientemente, ou não querem resolver os intrincados problemas oferecidos pela catalepsia e sua irmã gêmea, a letargia (eles, os espíritas, não se preocupam com esses fenômenos), sem o quererem e o saberem corrigem a sua possibilidade de expansão com o cultivo geral da mediunidade comum, visto que, ao contacto das correntes vibratórias magnéticas constantes, e o suprimento das forças vitais próprias dos fenômenos mediúnicos mais conhecidos, aquele vício, se ameaça, será corrigido, podendo, não obstante, a faculdade cataléptica ser orientada inteligentemente para fins dignificantes a bem da evolução do seu possuidor e da coletividade. De outro modo, o tratamento magnético através de passes, em particular os passes ditos espirituais, aplicados por médiuns idôneos e não por magnetizadores, e a intervenção oculta, mas eficiente, dos mestres da Espiritualidade, têm evitado que a catalepsia e a letargia se propaguem entre os homens com feição de calamidade, daí advindo a relativa raridade, espontânea, de tais fenômenos nos dias presentes. E essa nossa assertiva também re-

vela que todas as criaturas humanas mais ou menos possuem em gérmen as ditas faculdades e as poderão dirigir à própria vontade, se conhecedoras dos seus fundamentos, uma vez que nenhum filho de Deus jamais foi agraciado com predileções ou menosprezado com desatenções pela obra da Criação.

“Dos casos citados nos Evangelhos cristãos, todavia, destaca-se o de Lázaro pela sua estranha particularidade. Aí vemos um estado cataléptico superagudo, porque espontâneo, relaxamento dos elos vitais pela depressão causada por uma enfermidade, tato patológico, portanto, provando o desejo incontido que o Espírito encarnado tinha de deixar a matéria para alçar-se ao infinito, e onde o próprio fluido vital, que anima os organismos vivos, se encontrava quase totalmente extinto, e cujos liames magnéticos do perispírito em direção à carne se encontravam de tal forma frágeis, danificados pelo enfraquecimento das vibrações e da vontade (Lázaro já cheirava mal, o que é freqüente em casos de crises catalépticas agudas, mesmo se provocadas, quando o paciente poderá até mesmo ser sepultado vivo, ou antes, não de todo no estado de cadáver), que fora necessário, com efeito, o poder restaurador de uma alma virtuosa como a do Nazareno para se impor ao fato, substituir células já corrompidas, renovar a vitalidade animal, fortalecer liames magnéticos com o seu poderoso magnetismo em ação. Na filha de Jairo, porém, e no filho da viúva de Naim as forças vitais se encontravam antes como que anestesiadas pelo enfraquecimento físico derivado da enfermidade, mas não no mesmo grau do sucedido a Lázaro. Neste, as mesmas forças vitais se encontravam já em desorganização adiantada, e não fora o concurso dos liames magnéticos ainda aproveitáveis e as reservas vitais conservadas pelo perispírito nas constituições físicas robustas (o perispírito age qual reservatório de forças vitais e os laços magnéticos são os agentes transmissores que suprem a organização física) e se não fossem aquelas reservas Jesus não se abalaria à cura porque esta seria impossível. Muitos homens e até crianças assim têm desencarnado. E se tal acontece antes da época prevista pela programação da lei da Criação, nova existência corpórea os reclamará para o cumprimento dos deveres assumidos e, portanto, para a continuação da própria evolução.

“Perguntará, no entanto, o leitor:

“Porque então tal coisa é possível sob as vistas da harmoniosa lei da Criação? Que culpa tem o homem de sofrer tais ou quais acidentes se não é ele quem os provoca e que se realizam, muitas vezes, á revelia da sua vontade?

“A resposta será então a seguinte:

“Tais acidentes são próprios do carreiro da evolução, e enquanto o homem não se integrar de boamente na sua condição de ser divino, vibrando satisfatoriamente no âmbito das expansões sublimes da Natureza, mecanicamente estará sujeito a esse e demais distúrbios. Segue-se que, para a lei da Criação, a chamada morte não só existe como é considerada fenômeno natural, absolutamente destituído da importância que os homens lhe atribuem, exceção feita aos casos de suicídio e homicídio. A morte natural, então, em muitos casos será um acidente facilmente reparável e não repercutirá com os foros de anormalidade como acontece entre os homens. De outro modo, sendo a catalepsia e a letargia uma faculdade, patrimônio psíquico da criatura e não propriamente uma enfermidade, compreender-se-á que nem sempre a sua ação comprova inferioridade do seu possuidor, pois que, uma vez adestradas, ambas poderão prestar excelentes serviços à causa do bem, tais como as demais faculdades médicas, que, não adestradas, servem de pasto a terríveis obsessões, que infelicitam a sociedade, e quando bem compreendidas e dirigidas atingirão feição sublime. Não se poderá afir-

mar, entretanto, que o próprio homem, ou a sua mente, a sua vontade, o seu pensamento, se encontrem isentos de responsabilidade no caso vertente, tanto na ação negativa como na positiva, ou seja, tanto nas manifestações prejudiciais como nas úteis e beneméritas.

“Um espírito encarnado, por exemplo, já evolvido, ou apenas de boa vontade, senhor das próprias vibrações, poderá cair em transe letárgico, ou cataléptico, voluntariamente (2), alçar-se ao Espaço para desfrutar o consolador convívio dos amigos espirituais mais intensamente, dedicar-se a estudos profundos, colaborar com o bem e depois retornar à carne, reanimado e apto a excelentes realizações. Não obstante, homens comuns ou inferiores poderão cair nos mesmos transe, conviver com entidades espirituais inferiores como eles e retornar obsidiados, predispostos aos maus atos e até inclinados ao homicídio e ao suicídio. Um distúrbio vibratório poderá ter várias causas, e uma delas será o próprio suicídio em passada existência. Um distúrbio vibratório agudo poderá ocasionar um estado patológico, um transe cataléptico, tal o médium comum que, quando esgotado ou desatento da própria higiene mental ou moral (queda de vibrações e, portanto, distúrbio vibratório), dará possibilidades às mistificações do animismo e à obsessão. Nesse caso, no entanto, o transe cataléptico trará feição de enfermidade grave, embora não o seja propriamente, e será interpretado como ataques incuráveis, indefiníveis, etc. O alcoólatra poderá renascer predisposto à catalepsia porque o álcool lhe viciou as vibrações, anestesiando-as, o mesmo acontecendo aos viciados em entorpecentes, todos considerados suicidas pelos códigos da Criação. Em ambos os casos a terapêutica psíquica bem aplicada, mormente a renovação mental, influenciando poderosamente no sistema de vibrações nervosas, será de excelentes resultados para a corrigenda do distúrbio, enquanto que a atuação espírita propriamente dita abrirá novos horizontes para o porvir daquele distúrbio, que evolverá para o seu justo plano de faculdade anímica. E tudo isso, fazendo parte de uma expiação, porque será o efeito grave de causas graves, também assinalará o estado de evolução, visto que, se o indivíduo fosse realmente superior, estaria isento de padecer os contratemplos que acima descrevemos. Todavia, repetimos, tanto a catalepsia como a letargia, uma vez bem compreendidas e dirigidas, quer pelos homens quer pelos Espíritos superiores, transformar-se-ão em faculdades preciosas, conquanto raras e mesmo perigosas, pois que ambas poderão causar o desenlace físico do seu paciente se uma assistência espiritual poderosa não o resguardar de possíveis acidentes. A letargia, contudo, presta-se mais à ação do seu possuidor no plano espiritual. Ao despertar, o paciente trará apenas intuições, às vezes úteis e preciosas, das instruções que recebeu e sua aplicação nos ambientes terrenos. É faculdade comum aos gênios e sábios, sem contudo constituir privilégio, agindo sem que eles próprios dela se apercebam, porque se efetivam durante o sono e sob vigilância de Espíritos prepostos ao caso.

“A provocação desses fenômenos nada mais é que a ação magnética anestesiando as forças vibratórias até ao estado agudo, e anulando, por assim dizer, os fluidos vitais, ocasionando a chamada morte aparente, por suspender-lhe, momentaneamente, a sensibilidade, as correntes de comunicação com o corpo carnal, qual ocorre no fenômeno espontâneo, se bem que o fenômeno espontâneo possa ocupar um agente oculto, espiritual, de elevada ou inferior categoria. Se, no entanto, o fenômeno espontâneo se apresentar freqüentemente e de forma como que obsessiva, a cura será inteiramente moral e psíquica, com a aproximação do paciente aos princípios nobres do Evangelho moralizador e ao cultivo da faculdade sob normas espíritas ou magnéticas legítimas, até ao seu pleno florescimento nos campos mediúnicos.

“Casos há em que um consciencioso experimentador remove a possibilidade, ou causa de tais acontecimentos, e o paciente volta ao estado normal anterior. Mas o desenvolvimento pleno de tal faculdade é que conscienciosamente restituirá ao indivíduo o equilíbrio das pró-

prias funções psíquicas e orgânicas. O tratamento físico medicinal, atingindo o sistema neuro-vegetativo, fortalecendo o sistema nervoso com a aplicação de tônicos reconstituintes etc., também será de importância valiosa, visto que a escassez de fluidos vitais poderá incentivar o acontecimento, emprestando-lhe feição de enfermidade. Cumpre-nos ainda advertir que tais faculdades, relativamente raras porque não cultivadas, na atualidade, agem de preferência no plano espiritual, com o médium encarnado sob a direção dos vigilantes espirituais, campo apropriado, o mundo espiritual, para as suas operosidades, tornando-se então o seu possuidor prestimoso colaborador dos obreiros do mundo invisível em numerosas espécies de especulações a benefício da Humanidade encarnada e desencarnada. Entre os homens a ação de tais médiuns se apresentará de maior vulto, mas, se souberem atentar nas intuições que com eles virão ao despertar, grandes feitos chegarão a realizar também no plano terreno.

“Os ensinamentos contidos nos códigos espíritas, a advertência dos elevados Espíritos que os organizaram e a prática do Espiritismo demonstram que nenhum indivíduo deverá provocar, forçando-o, o desenvolvimento das suas faculdades mediúnicas, porque tal princípio será contraproducente, ocasionando novos fenômenos psíquicos e não propriamente espíritas, tais como a auto-sugestão ou a sugestão exercida por pessoas presentes no recinto das experimentações, a hipnose, o animismo, ou personismo, tal como o sábio Dr. Alexandre Aksakof classifica o fenômeno, distinguindo-o daqueles denominados efeitos físicos. A mediunidade deverá ser espontânea por excelência, a fim de frutescer com segurança e brilhantismo, e será em vão que o pretendente se esforçará por atraí-la antes da ocasião propícia. Tal insofridez redundará, inapelavelmente, repetimos, em fenômenos de auto-sugestão ou o chamado animismo, ou personismo, isto é, a mente do próprio médium criando aquilo que se faz passar por uma comunicação de Espíritos desencarnados. Existem mediunidades que do berço se revelam no seu portador, e estas são as mais seguras, porque as mais positivas, frutos de longas etapas reencarnatórias, durante as quais, os seus possuidores exerceram atividades marcantes, assim desenvolvendo forças do perispírito, sede da mediunidade, vibrando intensamente num e noutro setor da existência e assim adquirindo vibratilidades acomodáticas do fenômeno. Outras existem ainda em formação (forças vibratórias frágeis, incompletas, os chamados agentes negativos), que jamais chegarão a se adestrar satisfatoriamente numa só existência, e que se mesclarão de enxertos mentais do próprio médium em qualquer operosidade tentada, dando-se também a possibilidade até mesmo da pseudo-perturbação mental, ocorrendo então a necessidade dos estágios em casas de saúde e hospitais psiquiátricos se se tratar de indivíduos desconhecedores das ciências psíquicas. Por outro lado, esse tratamento será balsamizante e até necessário, na maioria dos casos, visto que tais impasses comumente sobrecarregam as células nervosas do paciente, consumindo ainda grande percentagem de fluidos vitais etc, etc.

“Possuindo na minha clínica espiritual fatos interessantes cabíveis nos temas em apreço, consignados neste livro, patrocinarei aqui a exposição de alguns deles para estudo e análises dos fatos espíritas, convidando o leitor à meditação sobre eles, pois o espírita necessita profundamente de instrução geral em torno dos fenômenos e ensinamentos apresentados pela ciência transcendente de que se fez adepto, ciência imortal que não poderá sofrer o abandono das verdadeiras atenções do senso e da razão.

(a) — Adolfo Bezerra de Menores.”

Por nossa vez, conhecemos pessoalmente, faz alguns anos, na cidade fluminense de Barra Mansa, ao tempo em que ali exercia as funções spiritistas o eminente médium e expositor evangélico Manoel Ferreira Horta, amplamente conhecido pela alcunha de Zico Horta, a médium cataléptica Chiquinha. Tratava-se de uma jovem de 19 anos de idade, filha de respeitável família e finamente educada. Sua faculdade apresentou-se, inicialmente, em feição de enfermidade, com longos ataques que desafiaram o tratamento médico para a cura. Observada, porém, a pedido da família, e habilmente dirigida por aquele lúcido espírito, a jovem tornou-se médium de admiráveis possibilidades, com a insólita faculdade cataléptica, que lhe permitia até mesmo o fenômeno da incorporação de entidades sofredoras e ignorantes, a fim de serem esclarecidas. Em vinte minutos a médium apresentava os variados graus da catalepsia, inclusive o estado cadavérico após as vinte e quatro horas depois da morte, e os sintomas do início da decomposição, com as placas esverdeadas pelo corpo e o desagradável almíscar comum aos cadáveres que entram em decomposição. De outras vezes, no primeiro ou no segundo grau do transe, transmitia verbalmente o receituário que ouvia das entidades médicas desencarnadas que a assistiam, obtendo, assim, excelentes curas nos numerosos doentes que procuravam a antiga Assistência Espírita Bittencourt Sampaio, dirigida por Zico Horta. Narrava fatos que via no Espaço, transmitia instruções de individualidades espirituais sobre diversos assuntos, penetrava o corpo humano com a visão espiritual, e seus diagnósticos eram seguros, visto que os reproduzia verbalmente, ouvindo-os, em espírito, dos médicos espirituais. O tom da voz com que se exprimia era pausado e grave, e sua aparência física reproduzia o estado cadavérico: rigidez impressionante, algidez, arroxamento dos tecidos carnis, inclusive as unhas, fisionomia abatida e triste, própria do cadáver, olheiras profundas. O mesmo sucedia, como é sabido, ao médium Carlos Mirabelli, que, em poucos minutos, atingia o grau de decomposição, a ponto de as pessoas presentes às sessões, em que ele trabalhasse, só muito penosamente suportarem o fétido que dele se exalava, até que o transe variasse de grau, em escala descendente, fazendo-o despertar. Ao que parece, a catalepsia aí era completa. Ambos de nada recordavam ao despertar.

Uma vez de posse das indicações que aí ficam, animada nos sentimos a descrever nestas páginas alguns acontecimentos supranormais de que também temos sido paciente na presente vida orgânica. Que o suposto leitor ajuíze e por si mesmo deduza até onde poderá chegar o intrincado mistério da mediunidade, porque a mediunidade ainda constitui mistério para nós outros, que apenas lhe conhecemos os efeitos surpreendentes, isto é, apenas a primeira parte dos seus estranhos poderes.

Devemos declarar, de início, que, para a descrição dos fenômenos ocorridos conosco, usaremos o tratamento da primeira pessoa do singular, e para a primeira parte de cada capítulo, ou seja, para as análises e exposições obtidas pelas intuições do dirigente espiritual da presente obra, Adolfo Bezerra de Menezes, usaremos o tratamento da primeira pessoa do plural, assim destacando as duas feições do presente volume.” (12)